



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.  
Lisboa — PORTUGAL  
Endereço telegráfico: Talhadas — Lisboa — Telefone 7  
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## PÃO A 1\$640 O QUILO!

# E O POVO DORIE...

inopinadamente, para que o consumidor fôsse colhido de surpresa e não tivesse tempo de reagir contra uma nova e brutal extorsão, o governo cedendo certamente à pressão da Moagem, polvo daninho a cujos tentáculos poucos teem a coragem de resistir—acaba de decretar dois tipos de pão, que serão vendidos, respectivamente os de 1.ª e 2.ª, aos preços de 1\$640 e 400 réis o quilo!

E' este um ataque formidável à exausta bolsa do consumidor e, ao mesmo tempo, a melhor prova de que os governantes—estes como todos o outros—só sabem defender os interesses dos poderosos, em nenhuma atenção tendo os do povo.

Depois de reiteradas reclamações da opinião pública, sobretudo da organização operária, estabeleceu-se o tipo único, cuja experiência se não satisfaz é porque a Moagem sistematicamente fazia mau pão, e os governantes nunca tiveram a coragem de impor-se-lhe, obrigando-a a produzir melhor.

Vem agora uma nova reforma—esta, como todas as outras que os governos fazem, num sentido pior—e o consumidor e os trabalhadores, se quiserem comer pão, te-lo hão que pagar pelo preço de 1\$640 o quilo, porque quando se dirigirem a comprar o de 2.ª qualidade... já se terá acabado de vender.

Um povo que tam estoicamente suporta tantos enxovalhos ainda merece mais do que isto.

## Provocação máxima

Se nós dissermos que o governo acaba de, com duas penadas, assaltar a algeibra do povo consumidor, dizemos apenas a verdade.

Numa época em que todos os negócios se fazem pela calada, para que não lhes chamemos roubos e porque os planos que os precedem são tam tenebrosos, tam porcos que, combinados à luz de um, ninguém teria hesitações em lhes chamar combinações de maldades—lembra-se o governo a fabricar uma lei que é posta em execução um dia depois de ser publicada.

Este decreto foi feito de surpresa, porque o governo sabia bem que iria provocar a indignação de quem anda a trabalhar para comer à noite esse pão, com que os traficantes teem enriquecido.

O tipo único é abolido por completo, a despeito de toda a gente saber que o tipo único—não como o que nos era sorvido, mas de boa farinha—é a mais cara aspiração das classes roubadas, das que não teem prédios que rendam, possuindo apenas o mísero produto dum trabalho extenuante.

Era de catorze vintens o preço do pão tipo-único, que ontem caeu de 20 para 14. O governo, no intuito, certamente altruista, de ajudar aqueles que vem sofrendo a carência da vida, ordena a manipulação dum tipo de pão, a que chama de família, que custará \$40, isto é, vai-nos fazer tragar um pão certamente pior do que o que comiamos, por mais \$12, cada quilo. E, não contente com isto, permite a manipulação de pão fino a 1\$64, para ricos.

Para ricos dizem, mas que o pão também para os pobres, sabemos-lo muito bem, porque já esvaziámos por várias vezes sacos de duras experiências.

Já sabemos o que são os dois tipos de pão. Tam bem como nós o sabe o governo e, por sabê-lo, apressou a pôr em execução uma medida cujos resultados fudamos para o povo são evidentes.

A maioria da população, que, por falta de meios, e não por gosto, tem a certeza disso, deseja adquirir o pão de segunda, não conseguirá. Ver-se há obrigada a comprar o pão fino a 1\$64.

Que nos diga o governo como quer comprar um chefe de família, que ganhe dois ou três escudos, dois ou três quilos de pão, que lhe importarão em 3\$28 ou 3\$92.

O governo não se lembrou que cada há trabalhadora a ganhar 1\$00 em cada dia útil!

Mesmo os assalariados que ganham 5\$00 por dia, se tiverem mais ou quatro pessoas a sustentar, não podem resistir.

A fome, a ruína, é o resultado dum decreto desgraçado.

É este o resultado que o go-

verno pretende obter com o seu decreto, conseqüente.

Alguem está, porém, impando de contentamento a esta hora, hora a que muitas mães choram por não possuir com que atenuar a fome aos filhos. E' a Moagem. A vontade desta foi respaldada, acatada, como se aos seus interesses não se ligasse a amargura de muitas pessoas. A Moagem pretende ganhar, amontoar ouro sobre o ouro que já tem.

E' necessário que milhares de pessoas se sacrifiquem para que a Moagem enriqueça mais ainda? Que se sacrifiquem esses milhares de pessoas.

Há, por outro lado, a vontade dum povo que se opõe a semelhante infâmia, mas para os governos e capitalistas não existe a vontade do povo numa sociedade que dizem ser de igualdade, liberdade e fraternidade.

A manobra é revoltante, é imoral, é abjecta. Contra ela se levantará certamente o povo revoltado, farto de sofrer, de pagar, de suportar todos os vexames que qualquer indivíduo de consciência vil se lembra de lhe infligir. Pouco se importará com isso o governo e menos se importará a Moagem. A guarda republicana não serve senão para as ocasiões difíceis. Quando elas chegarem, quando o povo, esfaumado, se levantar irado para castigar aqueles que assim ousam trocar da sua passividade, da sua fome e dos seus sofrimentos sem fim, a guarda, a guarda que fore estúpida, que está pronta a assassinar os que não comem, não gosam nem possuem nos Bancos valores a render, apresentar-se há na praça pública e resolverá a tiro todas as situações de complicada resolução.

E' com este programa que o actual governo governa, como governaram o falecido Baptista, Sidónio Pais, Afonso Costa, todos os estadistas onfim desta república.

A razão... Não há razão, mas apenas a força, a força do canhão e da baioneta a proteger os bandidos de várias matizes.

Como nos causam o riso, não o riso que a graça provoca, mas um riso de revolta, os discursos, as frases burlescas, os artigos, que capitalistas e jornais burgueses tornaram públicos: «O país está arruinado, os operários levam-nos tudo com as suas exigências; é necessário que todos trabalhem para a salvação do país!»

Quem poderá acreditar na sinceridade desta gente? Ninguém. Todos os que trabalham e consomem teem o direito de lhes cha-

## Notas e Comentários

### Louvores

A guarda republicana foi louvada pelo ministro do interior, e disso dá conta ao público uma nota de cunho officioso que todos os jornais hoje inserem de chapas. «Que fez de bom a guarda republicana para assim bem merecer do ministro? Contribuiu—diz a nota—para afastar os gravíssimos acontecimentos que se previam, a quando da recente tentativa de greve geral». Serviços desta ordem teem, de facto, já a clogios ministeriais, somos nós os primeiros a concordar com isso. Só nos causa engulhos a redacção do officio onde os louvores vinham consignados. «Tentativa de greve...» E' porquê, tentativa? Por se não produzirem os tais «gravíssimos acontecimentos que se previam»? Provavelmente por isso. De maneira que as entidades officiais só classificam de greve aqueles movimentos durante os quais as bombas estalam, os cavalos correm, e o sangue se derrama. Não houve nada disso, realmente, durante o movimento último. Houve apenas o abandono colectivo do trabalho levado a efeito pela maioria das classes operárias de Lisboa, com repercussão em vários pontos da provincia. A isto chamamos nós uma greve geral. O dicionário do ministro do interior é diferente do nosso. Pois nós fôsemos nós tam amigos da ordem que havíamos de fazer um dia qualquer coisa a que, em linguagem official, se possa chamar greve...

### Pão barato...

Os governos são a providência dos povos. Não tenhamos a menor dúvida a esse respeito. Os nossos governos teem sido providencias em demasia. Outra coisa não fazem senão pensar nas necessidades do povo. E' o povo que tam mal agradeceido é! O pão tipo único era mau, mas comia-se. O governo pensou imediatamente em arranjar um novo tipo de pão para satisfazer o povo; inventou o pão fino a 1\$60. Vai ficar o povo de melhor partido, porque o pão melhora. Quanto aos desaseis tostões pouco importa, porque se o povo não tiver dinheiro irá pedi-lo ao governo que, sendo a providência dos povos, de bom grado o abonará.

E assim o povo trabalhador terá pão barato, que lhe baste...

**Podre e caro** O *Vasco da Gama* que partira de Lisboa para Cabo Verde, onde devia prestar as honras aos reis da Bélgica de viagem para o Brasil, teve que voltar para traz. Porquê? Porque, roncero, velho e em mau estado, como a sociedade capitalista, não agüentou a carreira apressada. Recolheu estallado, para receber mais um remendo, editado o *Vasco da Gama* está cheio de furdinhos; do primitivo já nada possui. No mesmo estado se encontra toda a nossa marinha de guerra, o que quer dizer que nem mesmo como nação capitalista somos alguma coisa. O exército, apesar de mais forte, não tem calçado para os soldados e ainda por cima apparecem, de quando em quando, beneméritos officiaes, que desertam com os coíres militares. Está tudo podre, mas, mesmo assim, caro, como o bacalhão.

«Sabem quanto custava ao povo o exército e a marinha? O suficiente para irrigar o Alentejo.

**Ornando** Uma qualquer folheta que em Coimbra se publica e tem por título *Despertar*, pede, em editorial, a pena de morte para os elementos avançados, e precede o pedido dum série de bobagens enojativas e irritantes. E' claro que, assim como não chegam ao céu as vozes de burro, também não teem consequências as bobagens da folheta. A pena de morte... Sim, talvez ela deixe de ser um crime hediondo quando aplicada pacificamente aos asnos impetáveis.

tos de aumento de salário. Não é um «protesto enérgico e veemente», porque disso estamos cheios e serve apenas para gastar papel e tinta. O que é soar um dia. Não será hoje, nem amanhã, mas soará, na certeza de que actos como este que o actual governo vem de adoptar precipitam o acontecimento, cujas consequências hão de sentir vivamente.

«O Sul e Sueste» Completa hoje um ano de existência o nosso colega na imprensa operária, *O Sul e Sueste*, intemtrado defensor da classe ferroviária daquela linha, a quem desejamos as maiores prosperidades.

Para comemorar este acontecimento a Associação de Classe dos Ferrovieiros do Sul e Sueste realiza hoje, no teatro Cine Barreirense, uma grandiosa festa, fazendo uma conferência, sob o tema *Meios de propaganda operária*, o nosso camarada de redacção Francisco Perfeito de Carvalho.

*O Sul e Sueste* apresentar-se há hoje sensivelmente melhorado, inserindo vários artigos de propagandistas operários mais conhecidos e os retratos de alguns militantes daquela classe.

Neste dia de regresso para esta parte da família operária, *A Batalha* envia as mais sinceras saudações ao estimado colega e nessa saudação envolve o seu redactor principal o nosso presado camarada Miguel Correa.

**24 dias sem comer**

A morte aproxima-se do lord Mayor de Cork

LONDRES, 6.—O lord Mayor de Cork que tem feito a greve da fome na prisão do Brixton há vinte e quatro dias, hoje estava demasiado fraco para poder falar o seu estado geral era precário. Foram-lhe ministrados os últimos sacramentos esta manhã.—*Rádio*.

## AINDA O ASSALTO

## REPUDIANDO A "PROEZA,"

Levantam-se amigos e simples simpatizantes

Tentaram uns discólos fazer calar a voz do órgão do proletariado português, assaltando a sua redacção e tipografia e tentando assassinar os que estavam trabalhando.

O seu criminoso gesto teve o condão de chamar as atenções gerais sobre *A Batalha* e a sua propaganda, levantando o operariado num protesto enérgico contra a obra de vandalismo praticada, levando a manifestar-se moral e materialmente dum maneira soberba, que deve ter servido de lição a todos os que julgam estar os trabalhadores desinteressados da obra de emancipação que aqui se vem fazendo.

O assalto a *Batalha* foi uma afronta à classe operária organizada, pois que o jornal faz parte integrante da organização proletária, e por isso todos os trabalhadores conscientes acorreram a dar o seu apoio moral contra o acto dos sicários, arrancando à sua miséria os recursos monetários de que podem dispor para reparar os estragos feitos na sede do seu diário.

Se as afirmações de *A Batalha* não fossem verdadeiras, fácil seria aos nossos adversários desmentilas, confundindo-nos e inutilizando a nossa propaganda, mas infelizmente, para os nossos perversos inimigos, o jornal dos trabalhadores só tem afirmado a verdade, unicamente a verdade, e por isso se procurou destruí-lo.

O resultado foi contraproducente, pois se a v. dade nunca foi destruída, apesar das severas perseguições que teem sido exercidas por todos os tiranos, não é agora que o conseguem as almas negras do conservantismo, embora usem do disfarce verde-ruído, que nos áureos tempos da propaganda simbolizava alguma coisa de amor à liberdade.

Damos a seguir a nota de mais alguns protestos que nos teem sido enviados.

### Camaradas e colectividades que protestam

Augusto de Castro, Porto, escreveu-nos: «Como amante da liberdade não podia deixar passar este vil atentado contra o meu mais indignado protesto, condemnando o acto ignóbil dos vilões, saudando *A Batalha* e felicitando os seus redactores por ficarem illesos.»

António Alves de Castro, Lisboa, manifestou-se no mesmo sentido.

José de Oliveira, ferroviário do Sul e Sueste, Barreiro, diz-nos: «*A Batalha* vive e há de viver porque conta com muitos amigos sinceros, homens de bem, de sentimentos nobres, que são todos trabalhadores e não parasitas.»

A comissão administrativa da União dos Sindicatos Operários, de Faro, protesta enérgicamente contra o assalto e lava a sua repulsa contra os canalhas que pretendem aniquilar o pensamento.

Os Manufatureiros de Calçado, de Faro, reunidos em assembleia geral, resolveram protestar contra o assalto, abrir entre os sócios uma subscrição a favor de *A Batalha* e saudar os seus redactores.

O Núcleo da Juventude Sindicalista da Construção Civil, do Porto, protesta contra tam infame e selvagem procedimento.

A Associação dos Fabricantes de Papel de Abelheira protesta contra o assalto a *Batalha* e o ataque de que foram vítimas os seus redactores.

Francisco Duarte, Tojal, manifestou-se no mesmo sentido, felicitando-nos por termos saído illesos.

A União dos Empregados Barbeiros de Lisboa diz-nos: «A comissão administrativa deste sindicato protesta contra a obra dos do grupo de vândalos dos 13, sicários que pretendem fazer calar o porta-voz dos oprimidos.»

Mas enganaram-se esses bandidos, pois que a vida da nossa querida *Batalha* ficou mais desafogada.

## Diferenças...

Proseguem as sindicâncias mandadas fazer pelo ministro da guerra e governador civil do distrito, as quais estão sendo realizadas, respectivamente, pelo major sr. Teles de Vasconcelos e dr. Paiva Lereiro, acerca do assalto efectuado na noite de 28 do mês passado às officinas de *A Batalha*.

Sabemos que teem sido ouvidas pelas dois sindicâncias muitas pessoas, e que até agora apenas foi preso um indivíduo de nome Jaime de Castro, caixeiro de praça—não confundir com o antigo militante anarquista, hoje funcionário publico—que é arguido de ser um dos assaltantes.

Atigura-se-nos que os sindicantes querem proceder com segurança, o que achamos bem, apenas achando mal que em certos casos, em que teem sido envolvidos elementos da classe trabalhadora, não tenha havido, por parte de outras autoridades, identicos escrupulos, mas pelo contrario haja sido frequentes prisões, por simples suspeita ou a título preventivo, e por vezes durante longo tempo, de vários operários, havendo por exemplo algums nestes casos que por simples suspeita esteve deitado, com multas outros camaradas, só duma assentada, nove demorados meses, passados na cadeia do Limoeiro e em casas-mantas de Elvas, para ao cabo desse tempo ser posto na rua, sem ter chegado a ser pronunciado...

Ora não pretende *A Batalha* que o tratamento que teem recebido das autoridades da República os militantes operários vá atingir igualmente indivíduos sobre quem recaem simples suspeitas, ainda que tais indivíduos formem no número dos nossos mais irreductíveis adversários.

Mas acharemos excelente que os escrupulos que ora se notam em relação a indigntos os assaltantes de *A Batalha* se tornassem extensivos a todos os indivíduos em circumstancias semelhantes.

Simplesmente isto.

## O PÃO

### Contra o decreto governamental

Produziu grande e justificada indignação entre o povo consumidor e sobretudo nas classes trabalhadoras o novo decreto que o ministro da agricultura apresentou, e que entra hoje em vigor. Já reuniram várias classes que lavraram o seu protesto contra semelhante documento.

Sabemos também que os operários manipuladores de pão se encontram descontentes em extremo, tendo-não distribuído brevemente um manifesto sobre este momentoso assunto.

Publicamos a seguir alguns convites para reuniões, e estamos convencidos de que a classe operária, cujas velhas aspirações eram, no referente ao pão, o estabelecimento dum tipo único que satisfizesse, exteriorizaram tam depressa quanto possível, a sua repulsa contra o gesto repugnante do governo.

**C. G. T.**  
**Conselho Confederal**

E' convocado a reunir extraordinariamente, hoje, às 21 horas, o Conselho Confederal da C. G. T. a fim de se occupar, entre outros assuntos, do magno problema do aumento do preço do pão.—*O Comité*.

**No Sindicato Único Metalúrgico**

Para protestar contra a criação dos dois tipos de pão e, conseqüentemente, contra o escandaloso e desnudado aumento de preço, realiza-se hoje, às 21 horas, na sede do Sindicato Único Metalúrgico, uma sessão, onde se tomarão resoluções tendentes a não permitir esse roubo descarado à já exaurida bolsa do povo consumidor.

**União dos Sindicatos Operários**

Reúne hoje, pelas 20 horas, a Comissão Administrativa deste organismo, sendo necessária a comparencia de todos os seus membros em virtude da importância dos assuntos a tratar.



